

Navegando em Outras Ondas: a produção laboratorial em rádio como prática jornalística ¹

Pedro Paula de Oliveira VASCONCELOS ²
Fernando Vasconcelos BENEVIDES
Hayanne Narlla NEVES
Iane Lara Braz PARENTE
Igor David Gadelha MIRANDA
João Victor Melo SALES
Liana Costa do CARMO
Marina Mota FERNANDES
Mariana Freire Pinho LEITÃO
Nayana Monteiro SIEBRA
Raiana Soraia de CARVALHO
Ranniery Melo Barros de SOUZA
Renato Allan Sousa Ribeiro RODRIGUES
Roberta Coelho Tavares AGUIAR ³
Andrea Pinheiro Paiva CAVALCANTE ⁴
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a série *Outras Ondas*, composta por cinco revistas radiofônicas. As edições foram produzidas por 25 estudantes do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC), no primeiro semestre de 2011. Também neste trabalho, o processo de produção é detalhado, desde a discussão conceitual realizada na cadeira de Radiojornalismo II, na qual foi criado o *Outras Ondas*, passando pela formulação do projeto editorial, até as fases de apuração jornalística e de veiculação na Rádio Universitária FM. O *paper* também apresenta cada programa, dando relevância a pontos primordiais da produção, como a escolha de pautas voltadas para a cidade de Fortaleza e a experimentação estética durante a edição de som.

PALAVRAS-CHAVE: *Outras Ondas*; radiojornalismo; produção laboratorial; experimentação.

1 INTRODUÇÃO

A produção laboratorial dos alunos de graduação em Jornalismo deve espelhar uma lógica de mercado, ou a academia é o espaço mais propício para a experimentação de

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Programa Laboratorial de Radiojornalismo (conjunto/série).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: vasconcelos.pedo@gmail.com.

³ Coautores do trabalho e estudantes do 7º semestre do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Instituto UFC Virtual, da Universidade Federal do Ceará. Email: andrea@virtual.ufc.br.

formas e conteúdos? Muito do que é discutido dentro das disciplinas de caráter prático nos cursos de Comunicação Social tenta achar uma resposta para essa pergunta. Mas a natureza por vezes maniqueísta da questão limita as possibilidades de se pensar na sala de aula como espaço de criação.

No primeiro semestre de 2011, um grupo de 25 alunos da disciplina de Radiojornalismo II, do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Ceará (UFC), tomou para si a missão de produzir cinco programas de rádio. A criação de uma série a ser veiculada na Rádio Universitária FM 107,9⁵ era uma exigência da cadeira. A cada semestre, as turmas que cursavam a disciplina tinham de realizar os programas, passando, assim, por todas as fases do processo jornalístico.

Sob a orientação da professora Andrea Pinheiro, tivemos contato com autores que tratam sobre a linguagem radiofônica, em termos técnicos, estéticos ou conceituais. Parte dessa discussão teórica está presente no *paper*. Em seguida, a turma se imbuíu de pensar em um projeto editorial para os programas de rádio. Com o direcionamento traçado, começou, então, a produção de fato. Durante os meses de maio e junho de 2011, elaboramos e veiculamos cinco programas, originados de um intenso processo de produção coletiva.

Foi dessa maneira que nasceu a série *Outras Ondas* do semestre 2011.1. Este trabalho explica os passos que possibilitaram a criação dos programas, além de tratar do projeto editorial pensado pelos alunos. Detalhamos, também, alguns aspectos presentes em cada uma das revistas radiofônicas. Nas reuniões de pauta, buscamos ideias que permitissem um olhar diferente para a cidade de Fortaleza, fugindo das fontes mais oficiais e priorizando a fala dos personagens cotidianos. Na reportagem, a orientação era de um contato mais próximo dos estudantes com o meio de apuração. Já a edição imprimiu um caráter de experimentação às peças por meio de músicas, efeitos sonoros e até dramatização, tentando trabalhar com o que Balsebre (2000, p.331) chama de “cor da voz”.

2 OBJETIVO

Veiculado na Rádio Universitária FM durante cinco segundas-feiras (entre os dias 16 de maio de 2011 e 13 de junho do mesmo ano, sempre às duas e meia da tarde), o principal objetivo do *Outras Ondas* foi funcionar como espaço de produção jornalística

⁵ A Rádio Universitária FM 107,9 é sediada em Fortaleza-CE e foi inaugurada no dia 15 de outubro de 1981. Com uma programação que mescla conteúdo jornalístico e musical, a Universitária abre espaço para produção de conteúdos dos cursos da Universidade Federal do Ceará, a qual é vinculada. Informações disponíveis no site: < <http://www.radiouniversitariafm.com.br/radio/258-historico> > Acesso em: 30 abril 2012.

laboratorial e de experimentação de formatos pouco utilizados em outras disciplinas. Os estudantes passaram por todas as etapas que compõe uma redação de radiojornalismo: produção, reportagem, edição de texto e edição técnica.

Outro objetivo da série foi oferecer aos ouvintes da Rádio Universitária conteúdos voltados à cidade de Fortaleza: personagens, movimentos culturais, construções históricas, serviços e fatos curiosos. A diversidade de abordagens e de temáticas deu o tom do projeto editorial, pensado e executado para ter um caráter de diferenciação. Robert McLeish (1996) fala que o ouvinte liga o rádio já sabendo qual programação pretende acompanhar, mas “esse veículo pode também dar oportunidade à inovação e à experiência – um risco que os produtores devem correr, para que essa mídia nos surpreenda de uma forma criativa e estimulante” (McLEISH, 1996, p. 20).

3 JUSTIFICATIVA

Como já foi dito, a produção da série *Outras Ondas* é semestral e depende de cada turma. Nos anos anteriores, o modo de atuação era semelhante: formavam-se equipes que ficavam, cada uma, responsável pela criação de um programa. Através do diagnóstico dessas edições, notamos que tal concepção editorial fragmentava a ideia de série, comprometendo a unidade entre as peças. No geral, os programas dos semestres passados eram temáticos, de maneira que cada edição tratava de um assunto específico.

Entender como o *Outras Ondas* era conduzido antes do semestre 2011.1 foi o passo inicial para a concepção do nosso próprio projeto editorial. A primeira resolução foi abandonar a divisão de equipes por programas e transformar a sala de aula em uma redação composta por 25 estudantes com rodízio de funções. A ideia de edições temáticas também foi colocada de lado. Constituímos, então, uma linha editorial que deu prioridade a programas com temas variados. A unidade ficou garantida por meio de uma identidade sonora bem definida e de quadros semelhantes em cada edição.

É importante destacar que a construção do projeto editorial foi fundamental para o sucesso do programa. Em uma lógica de produção de mercado desenfreada, a chance de sentar para discutir formatos e conteúdos foi rara e enriquecedora. Nesse sentido, Robert McLeish (1996, p 15) afirma que:

Para ser bem sucedido num mercado altamente competitivo em que televisão, revistas, jornais, cinema, teatro, vídeos e CDS disputam a atenção do público, o produtor do rádio deve primeiro entender os pontos fortes e os pontos fracos desse meio de comunicação.

Outro desafio foi pensar em “para quem falar”. É uma orientação da própria Rádio Universitária que a série *Outras Ondas* se foque no público jovem. Durante as discussões coletivas em torno do projeto editorial pensamos em falar para a juventude (sem esquecer de que fazemos parte dela) fugindo do lugar-comum. Optamos por uma estratégia mais sutil. A juventude nos programas é traduzida nas temáticas leves, nos personagens escolhidos para as matérias, nos serviços oferecidos nas pautas e, principalmente, na multiplicidade sonora das edições. Usamos como referência as proposições de Vigil (2003, p. 53): “Estas são as perguntas prementes e permanentes que o verdadeiro profissional da fala faz: Qual o meu público real? Que palavras ele usa? Como vive? Como trabalha? Como ri? Como age? A quem me dirijo quando estou diante de um microfone?”.

O caráter de experimentação defendido neste trabalho surgiu desde a concepção da linha editorial do programa. O olhar para a cidade tornou-se fator primordial. Nesse sentido, os programas trazem perfis de locais históricos – prédios, espaços culturais, bares e boates, por exemplo. A própria realidade cotidiana se fez local de prática laboratorial por meio do contato do repórter com uma diversidade de situações.

Também foi definido no projeto editorial que os cinco programas deveriam trazer o diálogo de vozes diferentes sobre temas comuns, como casamento, administração de dinheiro ou até festejos juninos, aproveitando a factualidade contextual da época em que as matérias foram produzidas. Paralelamente, outras peças centravam-se em serviços à população, como futebol para cegos ou teatro da acessibilidade.

A ideia geral foi dotar os programas de variedade, tendo como base as motivações do rádio apontadas por McLeish (1996, p. 23): “informar: o papel do jornalista; instruir: permitir que as pessoas adquiram conhecimento e aptidões; entreter: fazer o público rir, relaxar ou passar horas agradáveis e tranquilizar: fazer companhia e dar apoio”. Pelo caráter de variedade temática, pensamos no *Outras Ondas* dentro do modelo de revista radiofônica. Camargo (1980 *apud* PASSINI LUCHT, 2009), ao tratar de gêneros radiojornalísticos, define cinco tipos de programas informativos. Entre eles está a radiorevista, que se diferenciaria do *noticiero* pela forma de apresentar, comentar, avaliar e analisar as matérias.

Já Kaplún (1978, *apud* PASSINI LUCHT, 2009) defende a existência da radiorevista (ou programas miscelâneos) como um dos 12 formatos encontrados no rádio latino-americano. Para o professor Barbosa Filho (2003, p.139), a revista radiofônica tem um caráter de variedade, “pela multiplicidade de informações com características diferenciadas que apresentam em seus roteiros”.

Em suma, o que justifica a importância da série apresentada neste *paper* é uma soma de fatores: a construção de um projeto editorial através de discussões coletivas de toda a turma; a apuração em contato direto com espaços e personagens e a escolha de um processo de edição voltado para uma liberdade criativa.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Uma redação formada por 25 alunos impõe desafios. Para dinamizar o processo de produção das cinco edições, a turma ficou dividida em quatro grupos: produção, reportagem, edição de texto e edição de som. É importante destacar que houve rotatividade de funções entre produção e reportagem.

O processo criativo começava com as reuniões de pauta, nas quais eram definidos os assuntos a serem tratados pela equipe de reportagem. O grupo de produção, composto por oito estudantes, era responsável por pensar em abordagens e encaminhamentos, além de encontrar fontes e personagens que se adequassem à pauta proposta. Em muitas oportunidades, os produtores se juntaram aos repórteres em campo para apurar informações.

A equipe de reportagem era a maior de todas, formada por 11 alunos. Uma vez definidas as pautas (quatro ou cinco por edição), os repórteres tinham cerca de uma semana para fazer as entrevistas necessárias, reunir as informações e escrever o texto. Dependendo do assunto, esse trabalho era realizado por uma, duas ou três pessoas. As matérias prontas eram revisadas pelos editores de texto (dois no total), que sugeriam modificações. Também era trabalho da edição elaborar o roteiro final dos programas.

A exemplo dos outros grupos, a equipe responsável pela edição de som também era formada unicamente por estudantes. Os quatro alunos do setor foram responsáveis, inicialmente, por criar uma identidade sonora para o programa, através de BGs, vinhetas e cortinas. Desde as discussões conceituais realizadas no começo da disciplina, tinha-se em mente o objetivo de pensar no rádio como conjunção de forma e conteúdo, ao encontro do que Balsebre (2000) chama de integração entre o semântico e o estético.

O semântico é tudo que diz respeito ao sentido mais direto e manifesto dos signos de uma linguagem, transmite o primeiro nível de significação sobre o que constitui o processo comunicativo. O estético é o aspecto da linguagem que trata mais da forma da composição da mensagem e se fundamenta na relação variável e afetiva que o sujeito da percepção mantém com os objetos da percepção. A mensagem estética é portadora de um segundo nível de significação, conotativo, afetivo, carregado de valores emocionais ou sensoriais (BALSEBRE, 2000, p. 327-8).

Já com o processo de produção a todo vapor, a equipe de edição ficou responsável pela montagem técnica de todas as matérias. O que norteou a edição de som, defendida aqui como procedimento eminentemente criativo, foi entender e trabalhar com os componentes da linguagem radiofônica. Vigil (2003) fala bastante sobre a “tríplice voz do rádio” (VIGIL, 2003, p. 53), composta pela voz humana, pela voz do ambiente e pela música. A esses elementos, Balsebre (2000) adiciona o silêncio:

A linguagem radiofônica é o conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, cuja significação vem determinada pelo conjunto de recursos técnicos/expressivos da reprodução sonora e o conjunto de fatores que caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes (BALSEBRE, 2000, p. 329).

A ideia, portanto, na edição das matérias, era dar relevo não só à voz dos repórteres e dos personagens, mas também a múltiplas sonoridades (naturais ou artificiais) e a músicas que criassem ambiente ou atmosfera. É nesse sentido que defendemos o processo de edição sonora como o diferencial do *Outras Ondas*, sendo responsável, inclusive, por conferir grade parte do grau de experimentação à revista radiofônica. Com isso, concordamos com Balsebre (2000, p. 327) quando ele diz que “o rádio é um meio de comunicação, difusão e expressão que tem duas metas importantes: a reconstrução e a recriação do mundo real e a criação de um mundo imaginário e fantástico”.

É importante acrescentar que após a edição individual de cada matéria um aluno ficava responsável por montar o programa, sequenciando cada peça e incluindo cortinas e músicas. Para realizar a tarefa, foi utilizado o *software* Vegas Pro.

A turma dispunha do tempo de uma semana para finalizar cada uma das edições. Os repórteres alteravam os textos, que eram gravados na terça-feira, dia em que nos era permitido utilizar o estúdio de rádio da UFC. No mesmo dia, o roteiro deveria estar pronto para que os locutores gravassem as cabeças das matérias. No projeto editorial ficou definido que cada edição do *Outras Ondas* teria uma dupla de locutores escolhidos em sistema de rodízio. Dessa maneira, somadas as cinco revistas radiofônicas, dez alunos assumiram a função. Com todo o material gravado, a edição de som tinha a própria terça-feira e a quarta-feira para montar cada uma das matérias. A quinta-feira era reservada para a finalização do programa. Após a conclusão do processo, uma cópia pronta era entregue à Rádio Universitária FM para veiculação na segunda-feira seguinte.

O mesmo procedimento se repetiu durante cinco semanas, período em que os programas foram ao ar, sem nenhum atraso. É válido ressaltar que todas as etapas foram realizadas unicamente pelos estudantes – desde a produção das pautas, passando pela apuração das matérias, até a edição de texto e de som. Até as partes mais técnicas, como a operação da mesa de som do estúdio de rádio e a utilização dos *softwares* de áudio foi de responsabilidade dos alunos.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O resultado de todo o processo até aqui descrito é uma série composta por cinco revistas radiofônicas com elementos em comum, como: escalada, vinhetas, quadros semelhantes e encerramento. Vale ressaltar a diversidade de formatos experimentados no *Outras Ondas*, alguns dos quais detalharemos aqui.

A primeira edição, veiculada em 16 de maio de 2011, tem 27 minutos e 26 segundos. No total, são cinco matérias principais: o perfil de um *barman* nutre a ideia de focar a apuração na busca das particularidades de um personagem. Nesse caso específico, a equipe de reportagem acompanhou o dia a dia do profissional; a segunda matéria da revista radiofônica coloca lado a lado vários jovens que falam da relação deles com o dinheiro; o último dia de funcionamento de um dos bares mais famosos de Fortaleza é o mote para uma crônica⁶ que revela as percepções do repórter sobre aquele momento específico; a quarta matéria volta um olhar para Fortaleza e mostra uma opção de lazer em evidência: a patinação; o programa é finalizado com uma coincidência curiosa que, mais uma vez, aborda os detalhes da cidade: um motel e um convento, construídos lado a lado.

A segunda edição foi veiculada no dia 23 de maio e tem um tempo total de 29 minutos e 16 segundos. O programa começa com a relação de alguns jovens com o casamento. Em seguida, duas matérias revelam que Fortaleza é espaço, também, de oportunidades: as equipes de reportagem mostram o Teatro da Acessibilidade, projeto que reúne pessoas com algum tipo de deficiência, e uma escolinha de futebol para cegos. As construções históricas são o foco da quarta matéria, que apresenta o perfil do Farol do Mucuripe, um dos pontos históricos de Fortaleza. A revista se encerra com outra crônica, dessa vez sobre um movimento que mexeu com a juventude das periferias da cidade nos anos de 1990: o *funk* de galera.

⁶ Na obra “A opinião no jornalismo brasileiro”, Marques de Melo (1985) conceitua a crônica como um gênero tipicamente brasileiro e “plenamente definido” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 111). A crônica evoca juízos de valores, sendo enquadrada, portanto, como gênero de opinião. Para Marques de Melo (1985, p. 120), é um “relato poético do real”.

Com 30 minutos e 51 segundos, a terceira edição (veiculada no dia 30 de maio) começa com um movimento relevante nas ações culturais da cidade: as aulas de circo no Teatro das Marias. A matéria seguinte mostra a multiplicidade dos conteúdos propostos na série, ao mesmo tempo em que procura desmistificar a relação de homens e mulheres com a sexualidade. Isso porque a equipe de repórteres traça o perfil de uma professora de técnicas de sedução. A maneira como diferentes gerações se envolvem com a internet dá o mote da terceira matéria, na qual o foco é a voz dos personagens. O perfil de um navio encalhado na costa de Fortaleza, e a relação que os moradores da cidade têm com ele, atestam, mais uma vez, o encontro do repórter com a cidade. Finalizando a edição, o modo como o chorinho tem crescido como movimento musical nos bares locais é apresentado ao ouvinte.

A quarta edição, veiculada em 6 de junho de 2011, tem 29 minutos. De toda a série, esta é a revista radiofônica que mais volta fala sobre a cidade. Equipamentos culturais, como o Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte e a antiga Alfândega de Fortaleza ganham destaque através da visita dos repórteres aos respectivos locais. Ainda na área cultural, o curso de Princípios Básicos de Teatro, um dos mais tradicionais de Fortaleza, é apresentado como forma de serviço ao ouvinte. A edição possui ainda uma entrevista com uma travesti, que testemunha a maneira como a nossa cidade convive com a comunidade LGBT(Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros).

O quinto e último programa, também com 29 minutos, foi ao ar no dia 13 de junho. A edição é iniciada com uma diversidade de personagens falando sobre festejos juninos. A inserção do repórter no local da matéria guia uma pauta sobre as opções de festas noturnas para o público homossexual em Fortaleza. A exemplo de edições anteriores, um monumento histórico da cidade é alvo de perfil: o Cine São Luiz, no coração da cidade, tem as memórias recordadas pelos frequentadores mais antigos.

A peça que consideramos ser o maior exemplo de experimentação estética de toda a série está presente nesta quinta edição. A ideia original da equipe de produção era realizar uma reportagem sobre os 20 anos da música *É o amor*, dos cantores de sertanejo Zezé di Camargo e Luciano. No final das contas, produziu-se um docudrama de oito minutos. A matéria hibridizou apuração jornalística – por meio de entrevistas com músicos e fãs – e dramatização. Nesse sentido, o roteiro do radiodrama foi produzido pelos próprios alunos da turma, que assumiram, também, a função de radioatores.

O resultado foi uma matéria composta por uma conjunção de vozes, efeitos sonoros e músicas. Buscou-se unir a realidade referencial do fazer jornalístico com a possibilidade

de uma narração dramatizada. Nesse aspecto, Vigil (2003, p. 78), fala que “as narrativas são lembradas com mais facilidade porque contêm palavras materiais, porque falam da vida”.

Em todas as edições, destacam-se elementos que permaneceram fixos. Cada programa começa com a ideia de desconstrução e de busca por outras ondas. O primeiro som que se ouve é a vinheta tradicional da Rádio Universitária FM. Em certo ponto, ela sofre interferência para demonstrar que ali se inicia uma programação diferenciada. Começa, então, a escalada da revista radiofônica, no momento em que são apresentadas as matérias daquela edição. Neste momento, são mescladas a voz dos locutores com alguns trechos do programa. A própria utilização de uma escalada confere ar de experimentação à série, porque transporta ao rádio uma linguagem que é primordialmente da televisão.

Durante todos os programas, as vinhetas também conferem unidade. Elas funcionam, principalmente, para marcar a passagem entre matérias diferentes, além de lembrar aos ouvintes (levando-se em conta a dinamicidade da audiência no rádio) de que a série está no ar. Foram utilizados trechos de séries e filmes conhecidos, mesclados à assinatura do programa, que faz menção à expressão “Outras Ondas”.

6 CONSIDERAÇÕES

Nas considerações finais, voltamos à questão lançada inicialmente neste paper. Convivemos, durante um semestre, com um processo de produção até então inédito para os 25 estudantes. A série resultante foi veiculada periodicamente na Rádio Universitária FM, uma das emissoras mais importantes do Estado do Ceará. Desse modo, permitimo-nos concluir que a vivência laboratorial foi experimentada plenamente. Sobre o assunto, Lopes (1989, p. 16) afirma que “sob o ponto de vista pedagógico, parece não haver dúvidas da imprescindibilidade do jornal-laboratório para o aprendizado do jornalismo”. E ainda:

(o laboratório) integra os alunos na problemática da futura profissão, tornando possível que obtenham uma visão global do processo jornalístico, não apenas no aspecto conceitual, mas também na prática do dia-a-dia das redações (LOPES, 1989, p. 49).

De fato, nós, que à época éramos alunos do 5º semestre de Comunicação Social da UFC, vivemos a prática do dia-a-dia das redações. Tentamos demonstrar esse fato ao tratar, no *paper*, sobre o processo de produção dos programas, que teve funções definidas e prazos estipulados. O *deadline* sempre bateu à porta em todas as edições. Por outro lado, sem, no entanto, anular a concepção anterior, Beltrão (1963, *apud* LOPES, 1989, p. 14), situa como

um dos três principais objetivos das escolas de comunicação “funcionar como núcleo de renovação dos processos jornalísticos servindo de laboratório para experiências morfológicas e de conteúdo (de redação) das matérias (...)”.

Assim, resumimos a concepção do *Outras Ondas* como um espaço de experiência e de experimentação. Experiência traduzida no encontro do produtor com um projeto editorial a ser pensado; do repórter com um espaço novo de apuração e do editor com o desafio de constituir uma ideia de identidade sonora. Experimentação materializada na hibridização de formatos, na desconstrução do tabu de dramatização dentro do jornalismo e na noção de que a voz, no rádio, pode casar com a música, os efeitos sonoros e o silêncio.

Marques de Melo (1983, *apud* LOPES, 1989) fala em laboratório como espaço de pesquisa, de reprodução ou de inovação jornalística. Entendemos que a síntese do *Outras Ondas* pode estar entre a reprodução e a inovação, sem significar relação conflituosa. A série, da maneira como foi feita, defende que a sala de aula é, principalmente, espaço de criação e de reflexão da prática jornalística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 2000.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

McLEISH, Robert. **Produção em rádio: um guia abrangente na produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 1996.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PASSINI LUCHT, Janine Marques. Os Gêneros Jornalísticos no Rádio. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32. Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: Intercom, 2009. Disponível em:

< <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3205-1.pdf> >. Acesso em 2 maio 2012.

VIGIL, José Ignácio. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003.